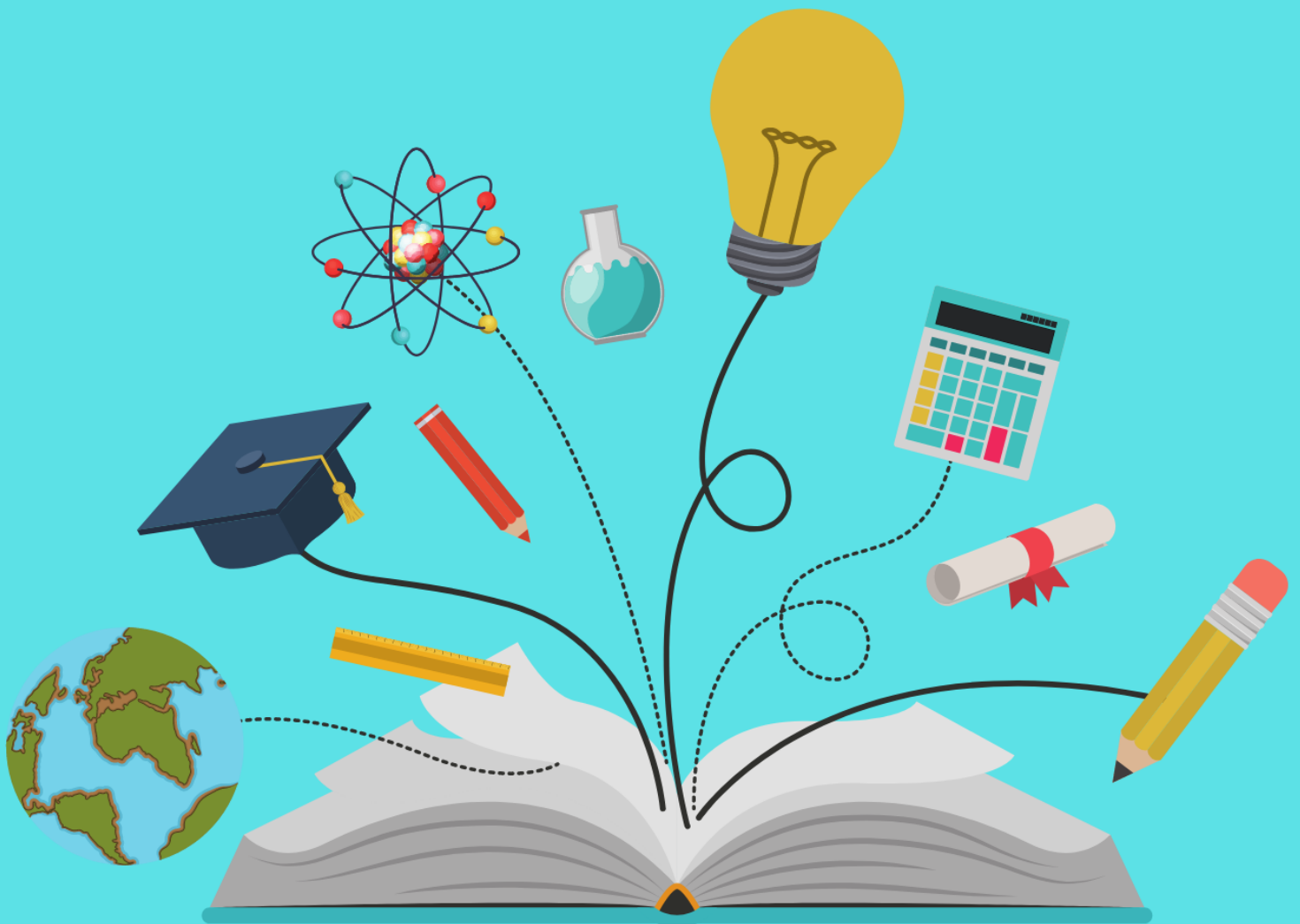


EDUCAÇÃO

DILEMAS CONTEMPORÂNEOS

Volume XI



Lucas Rodrigues Oliveira
Organizador

Educação
Dilemas Contemporâneos
Volume XI



Pantanal Editora

2022

Copyright© Pantanal Editora

Editor Chefe: Prof. Dr. Alan Mario Zuffo

Editores Executivos: Prof. Dr. Jorge González Aguilera e Prof. Dr. Bruno Rodrigues de Oliveira

Diagramação: A editora. **Diagramação e Arte:** A editora. **Imagens de capa e contracapa:** Canva.com. **Revisão:** O(s) autor(es), organizador(es) e a editora.

Conselho Editorial

Grau acadêmico e Nome

Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

Profa. Msc. Adriana Flávia Neu

Profa. Dra. Albys Ferrer Dubois

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior

Profa. Msc. Aris Verdecia Peña

Profa. Arisleidis Chapman Verdecia

Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva

Prof. Dr. Bruno Gomes de Araújo

Prof. Dr. Caio Cesar Enside de Abreu

Prof. Dr. Carlos Nick

Prof. Dr. Claudio Silveira Maia

Prof. Dr. Cleberton Correia Santos

Prof. Dr. Cristiano Pereira da Silva

Profa. Ma. Dayse Rodrigues dos Santos

Prof. Msc. David Chacon Alvarez

Prof. Dr. Denis Silva Nogueira

Profa. Dra. Denise Silva Nogueira

Profa. Dra. Dennyura Oliveira Galvão

Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves

Prof. Me. Ernane Rosa Martins

Prof. Dr. Fábio Steiner

Prof. Dr. Fabiano dos Santos Souza

Prof. Dr. Gabriel Andres Tafur Gomez

Prof. Dr. Hebert Hernán Soto Gonzáles

Prof. Dr. Hudson do Vale de Oliveira

Prof. Msc. Javier Revilla Armesto

Prof. Msc. João Camilo Sevilla

Prof. Dr. José Luis Soto Gonzales

Prof. Dr. Julio Cezar Uzinski

Prof. Msc. Lucas R. Oliveira

Profa. Dra. Keyla Christina Almeida Portela

Prof. Dr. Leandro Argentel-Martínez

Profa. Msc. Lidiene Jaqueline de Souza Costa Marchesan

Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann

Prof. Msc. Marcos Pisarski Júnior

Prof. Dr. Marcos Pereira dos Santos

Prof. Dr. Mario Rodrigo Esparza Mantilla

Profa. Msc. Mary Jose Almeida Pereira

Profa. Msc. Núbia Flávia Oliveira Mendes

Profa. Msc. Nila Luciana Vilhena Madureira

Profa. Dra. Patrícia Maurer

Profa. Msc. Queila Pahim da Silva

Prof. Dr. Rafael Chapman Auty

Prof. Dr. Rafael Felipe Ratke

Prof. Dr. Raphael Reis da Silva

Prof. Dr. Renato Jaqueto Goes

Prof. Dr. Ricardo Alves de Araújo (*In Memoriam*)

Profa. Dra. Sylvana Karla da Silva de Lemos Santos

Msc. Tayronne de Almeida Rodrigues

Prof. Dr. Wéverson Lima Fonseca

Prof. Msc. Wesclen Vilar Nogueira

Profa. Dra. Yilan Fung Boix

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme

Instituição

OAB/PB

Mun. Faxinal Soturno e Tupanciretã

UO (Cuba)

IF SUDESTE MG

Facultad de Medicina (Cuba)

ISCM (Cuba)

UFESSPA

UEA

UNEMAT

UFV

AJES

UFGD

UEMS

IFPA

UNICENTRO

IFMT

UFMG

URCA

ISEPAM-FAETEC

IFG

UEMS

UFF

(Colômbia)

UNAM (Peru)

IFRR

UCG (México)

Mun. Rio de Janeiro

UNMSM (Peru)

UFMT

Mun. de Chap. do Sul

IFPR

Tec-NM (México)

Consultório em Santa Maria

UFJF

UEG

FAQ

UNAM (Peru)

SEDUC/PA

IFB

IFPA

UNIPAMPA

IFB

UO (Cuba)

UFMS

UFPI

UFG

UEMA

IFB

UFPI

FURG

UO (Cuba)

UFT

Conselho Técnico Científico
- Esp. Joacir Mário Zuffo Júnior
- Esp. Maurício Amormino Júnior
- Lda. Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo

Ficha Catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E24	Educação [livro eletrônico] : dilemas contemporâneos: volume XI / Organizador Lucas Rodrigues Oliveira. – Nova Xavantina, MT: Pantanal, 2022. 86p. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-65-81460-26-6 DOI https://doi.org/10.46420/9786581460266 1. Educação. 2. Aprendizagem. 3. Gestão escolar. I. Oliveira, Lucas Rodrigues. CDD 370.1
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	



Nossos e-books são de acesso público e gratuito e seu download e compartilhamento são permitidos, mas solicitamos que sejam dados os devidos créditos à Pantanal Editora e também aos organizadores e autores. Entretanto, não é permitida a utilização dos e-books para fins comerciais, exceto com autorização expressa dos autores com a concordância da Pantanal Editora.

Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000.
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil.
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp).
<https://www.editorapantanal.com.br>
contato@editorapantanal.com.br

Apresentação

Nesse décimo primeiro volume de “Educação: dilemas contemporâneos” prossegue-se com as necessárias discussões e reflexões acerca da educação nacional que, nesse momento, passa por uma retoma em suas atividades: depois de dois anos de aulas remotas ou semipresenciais – ocasionadas pela pandemia -, mesmo ainda vivendo nessa situação pandêmica, grande parte das escolas brasileiras estão iniciando esse ano letivo com as aulas totalmente presenciais. A partir de agora, muitas novas situações geradas por esse processo de pandemia precisarão ser observadas, a fim de que os prejuízos sejam minimizados.

Intitulado “Neotecnicismo na Educação: origem e concepção”, o primeiro capítulo desse livro tem o objetivo de discutir os principais aspectos da educação tecnicista; assim, sobre esse tema, serão apresentados: origem, concepção, método e finalidade. Na sequência, o capítulo “Ensinar a esperança... Algumas reflexões sobre Paulo Freire” abordará importantes questões sobre esse importante educador, reconhecido como o patrono da educação brasileira, estudo em diversos países do mundo.

O próximo capítulo irá tratar da “Criatividade no cotidiano escolar: uma reflexão necessária para formação humana.” O quarto capítulo intitulado: “Dialogando com a animação Guida no contexto da pedagogia da comunicação dentro da sala de aula” irá mostrar como é possível inovar na sala de aula, buscando o desenvolvimento e a aprendizagem integral dos alunos.

O quinto capítulo “Um estudo sobre a pedagogia da comunicação na animação show da Luna na sala de aula” mostrará também que, principalmente com as crianças pequenas, é possível inovar em sala de aula e fazer com que os alunos aprendam de forma lúdica.

Em “Psicomotricidade e movimento: reflexos no Ensino Fundamental”, como os próprios autores esclarecem, há o objetivo principal de mostrar a importância da Psicomotricidade para o processo de ensino e aprendizagem na escola.

Por fim, o sétimo capítulo dessa obra é intitulado “Gênero e inserção profissional: egressas e egressos da Universidade Federal do Paraná - setor litoral”; nesse texto, é possível observar uma realidade que, infelizmente, ainda existe no Brasil: as desigualdades de gênero no acesso aos direitos, em especial, o acesso ao trabalho.

Lucas Rodrigues Oliveira


Sumário

Apresentação	4
Capítulo I	6
Neotecnicismo na Educação: origem e concepção	6
Capítulo II	23
Ensinar a esperança... algumas reflexões sobre Paulo Freire	23
Capítulo III	35
Criatividade no cotidiano escolar: uma reflexão necessária para formação humana	35
Capítulo IV	48
Dialogando com a animação Guida no contexto da pedagogia da comunicação dentro da sala de aula	48
Capítulo V	55
Um estudo sobre a pedagogia da comunicação na animação show da Luna na sala de aula	55
Capítulo VI	64
Psicomotricidade e movimento: reflexos no Ensino Fundamental	64
Capítulo VII	72
Gênero e inserção profissional: egressas e egressos da UFPR setor litoral	72
Índice Remissivo	85
Sobre o organizador	86


Criatividade no cotidiano escolar: uma reflexão necessária para formação humana

Recebido em: 10/01/2022

Aceito em: 17/01/2022


 10.46420/9786581460266cap3


Ana Maria Freitas Dias Lima^{1*} 

Josseane Araújo da Silva Santos² 

Lilian Gama da Silva Póvoa³ 

Quitéria Costa de Alcântara Oliveira⁴ 

Ana Irene Carneiro Borges Lucena⁵ 

Aquenubia Gonçalves da Silva⁶ 

INTRODUÇÃO

A palavra criatividade é muito usada no cotidiano da sociedade, nos setores: político, econômico, social e educacional. Os setores responsáveis pelo processo de ensino-aprendizagem, nos quais o convívio escolar perpassa por uma compreensão conceitual de criatividade, deve envolver gestores, professores e alunos. Nesse cenário de crise mundial da saúde em que todos os setores precisam ressignificar suas práticas e ações, de fato esse, é um termo polissêmico e mutável, a partir do contexto em que se insere. Conforme afirma Torre (2005), “criatividade é um fenômeno que circula entre os atributos pessoais e as exigências sociais.”

Para essa conceituação, recorre-se também aos dicionários de língua portuguesa⁷. Nesse sentido, a palavra criatividade está relacionada à “qualidade de criativo, força criadora, espírito inventivo, talento para

¹ Graduada em Pedagogia (Unitins) Campus Tocantinópolis; Especialista em Orientação Educacional, Docência do Ensino Superior e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Tocantins (UFT) – Instituição: Universidade Estadual do Tocantins – Unitins-Campus Araguatins.

² Graduada em Letras (Unitins) Campus Porto Nacional; Especialista em Metodologia do Ensino e em Gestão Escolar e Mestranda do Programa de Mestrado em Educação da Universidade Federal do Tocantins

³ Graduada em Pedagogia (UESPI) Campus Corrente; Especialista em Docência do Ensino Superior e Administração Escolar e Mestranda do Programa de Mestrado em Educação da Universidade Federal do Tocantins (UFT).

⁴ Graduada em Pedagogia Mestre em Educação pela Universidade de Brasília (UNB) Instituição: IFTO/Campus Araguatins-TO.

⁵ Graduada em Pedagogia Universidade Luterana do Brasil (ULBRA); Especialista em Gestão Escolar Integrada com Habilitação em Inspeção, administração e Orientação. Instituição: Universidade Estadual do Tocantins – Unitins/Campus Araguatins-TO.

⁶ Graduada em Pedagogia Mestranda em Gestão das políticas públicas do programa de pós-graduação em Desenvolvimento Regional- Universidade Federal do Tocantins- UFT. Instituição: Universidade Estadual do Tocantins -Unitins – Campus Araguatins- TO.

* Autor correspondente: anamarlima@hotmail.com

⁷ A definição de criatividade encontra-se no dicionário de Língua Portuguesa. Autor: Rios, Demerval Ribeiro-p. 149, São Paulo, DCL, 2010 e no Houaiss- org. Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de dados da Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, 2000.

criar ou inovar”. Todavia este trabalho traz uma abordagem dos conceitos relacionados ao termo criatividade, para além da compreensão do dicionário, visto que apresenta concepções baseados em autores que discutem essa temática em âmbito educacional e na legislação sobre a educação, amparada, por exemplo, nas reflexões explicitadas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), já vigente na educação brasileira. A BNCC (BRASIL, 2018) tem como foco de estudo a prática pedagógica e a ação docente numa perspectiva criativa.

Como vem ocorrendo no cenário mundial, o ambiente escolar necessita de uma reorganização no seu fazer pedagógico, pois é preciso considerar este período de pandemia que trouxe consequências para o processo de ensino-aprendizagem, por causa do isolamento social afetando professores, gestores, alunos, pais. Torre (2005) enfatiza que “a criatividade é como raio laser que penetra no mais profundo da pessoa, projeta sua luz sobre as instituições nas quais atua, e termina por transformar a sociedade.” Em virtude dos fatos mencionados, faz-se pertinente uma ressignificação da prática pedagógica e da ação docente.

Dessa forma, um dos documentos oficiais que normatizam o processo educacional, a BNCC, no item competências⁸ gerais, elenca os dez princípios norteadores de toda a organização do fazer pedagógico, apresentando no item dois a seguinte concepção de criatividade: “Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas” (BRASIL, 2018). A criatividade é apresentada como atividade relacionada à resolução de problemas cotidianos configurados nas competências a serem desenvolvidas pelo aluno no decorrer do seu processo de formação.

Ainda no âmbito do documento BNCC, a criatividade é descrita nas instruções da Educação Infantil e do Ensino Médio sob a perspectiva de direitos de aprendizagem e desenvolvimento na Educação Infantil que são: brincar, conviver, participar, explorar, expressar, conhecer-se. No “brincar”, as diversas formas, espaços e tempos, tornam-se experiências que estimulam a imaginação, a produção cultural, a criatividade; ao passo que no “expressar”, define-se o ser criativo como sujeito dialógico, criativo e sensível, isso acontece pelas diversas linguagens (BRASIL, 2018).

Ademais, no Ensino Médio, a criatividade é apresentada nos itinerários⁹ formativos por meio do itinerário integrado, conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio composta de cinco itens. Todavia, somente no item 2, a criatividade se apresenta como um processo:

⁸ O termo competência, usado neste trabalho, refere-se à concepção apresentada na BNCC. Trata-se, portanto, da mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho.

⁹ Conforme a BNCC, os itinerários formativos são estratégias usadas para flexibilização da organização curricular do Ensino Médio, que possibilita a opção de escolha aos estudantes.

Processos criativos: supõe o uso e o aprofundamento do conhecimento científico na construção e criação de experimentos, modelos, protótipos para a criação de processos ou produtos que atendam a demandas para a resolução de problemas identificados na sociedade (BRASIL, 2018).

É importante destacar que os conceitos de criatividade, presentes neste documento, estão direcionados a etapas da Educação Infantil e Ensino Médio, visto que para o Ensino Fundamental, anos iniciais e finais, não se nota em sua composição de direitos e competências uma concepção de criatividade. Fica, assim, subentendido que nesta etapa deve-se recorrer à competência geral, a qual define a curiosidade como um exercício para o desenvolvimento da criatividade. Evidencia, dessa forma, a necessidade de refletir sobre essa temática na etapa definida como Fundamental da Educação Básica.

BASES EPISTEMOLÓGICAS DA CRIATIVIDADE

COMPLEXIDADE

Para compreender a complexidade numa perspectiva educacional, faz-se necessário primeiramente entender o significado da palavra *complexus*, esclarecido por Morin (1995).

Quando eu falo de complexidade, eu me refiro ao sentido latino elementar da palavra “complexus”, “o que é tecido junto”. Os constituintes são diferentes, mas é preciso ver como numa tapeçaria a figura do conjunto. O verdadeiro problema (de reforma de pensamento) é que nós aprendemos muito bem a separar. É melhor aprender a religar. Religar, isto não quer dizer apenas estabelecer uma conexão de um lado ao outro, mas estabelecer uma conexão de tipo circular. Além do mais, na palavra religar, há o “re”, é o retorno do círculo sobre si mesmo. Ora, o círculo é auto produtivo. Na origem da vida, criou-se uma espécie de círculo, uma espécie de maquinaria natural que volta sobre si mesma e que produz elementos sempre mais diversos que criarão um ser complexo que será vivente.

Para este autor há complexidade quando há junção, quando é “tecido junto”, ou seja, um tapete que vai sendo tecido com diferentes elementos inseparáveis presentes no meio social que influencia o comportamento das pessoas, por serem seres sociais. Os campos econômicos, políticos, sociológicos, psicológicos, afetivo, mitológico, são elementos que estão interligados e trançados de maneira independente e de forma inter-retroativa. “[...] a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade” (Morin, 2003).

Nessa acepção, a educação vive a dualidade entre uma educação que tenta romper com um fazer pedagógico linear, reducionista e fragmentado, tendo como foco somente as partes; e outra que tenta avançar para uma perspectiva complexa e criativa, na qual o fazer pedagógico se torne uma tessitura cujos fios vão se entrelaçando numa tapeçaria de diversos saberes, por meio de uma religação circular recursiva que permite uma transformação individual e coletiva.

Destarte, a escola na contemporaneidade passa por novos desafios, com a missão de educar e assumir um projeto educativo no qual as dualidades do uno e múltiplo sejam complementares, como na vida, cujo percurso diário se faz pela união e desunião, em processos ambíguos, porém complementares. Conforme aponta Morin (1999), “a complexidade é a união da simplicidade com a complexidade.”

Pensar a educação na perspectiva da complexidade é partir do entendimento das dualidades presentes em toda a estrutura organizacional da sociedade. As dualidades são verdadeiros fios coloridos necessários para a confecção da tapeçaria do conhecimento arraigado de descobertas e significados que contribuem para transformações sociais. Partindo desta compreensão, surgem questionamentos quanto a inserção da complexidade em âmbito educacional, em virtude desta ótica de religação, tessitura, no qual todo e parte, mesmo antagônicos, são complementares.

Destarte, a complexidade propicia um olhar integrador de diferentes dimensões, sendo elas: ontológica, epistemológica e metodológica. Estas podem ser interpretadas no contexto educacional em ser, conhecer e fazer. Na primeira dimensão - a ontológica - a ciência é apresentada aos alicerces teóricos para compreensão do ser e sua realidade, seja ela física, social, cultural, histórico ou biológico. Desta forma, da evolução científica surgem novos conceitos que auxiliam no entendimento entre os fenômenos da vida e da educação. Nesta perspectiva, busca-se compreender o ser em sua inteireza.

Neste sentido, o ser humano é multidimensional e complexo. Isso quer dizer que se articula e que se transforma em diferentes contextos do ser/conhecer, viver/conviver, agir e fazer. Moraes (2007) assevera que “é para essa complexidade caracterizadora de nossa realidade que a educação precisa dar respostas adequadas, competentes e oportunas.” Com base nessa concepção complexa da realidade, Suanno (2009) destaca que na dimensão ontológica é importante uma concepção de conhecimento que integre o ser humano, a sociedade e a natureza, em uma rede complexa de relações. Esta dinamicidade nas relações contribui para que as práticas pedagógicas e as ações docentes criativas aconteçam.

Na dimensão epistemológica, o ser humano tem a possibilidade de ver a realidade que se manifesta a partir do que é possível ver, ouvir, interpretar, construir, apontando que existem diversos níveis de realidade. Nesse contexto, a complexidade pode ser entendida como princípio regulador do pensamento e da ação, aquilo que não perde de vista a realidade dos fenômenos, que não separa a subjetividade da objetividade e não exclui o espírito humano, o sujeito humano, o sujeito, a cultura e a sociedade (Morin, 1996). Diante disso, a epistemologia mostra que toda e qualquer ação do indivíduo necessita ser contextualizada, integrada ao ecossistema natural, social, físico, biológico, cultural.

Na dimensão metodológica, as transformações nos processos de ensino-aprendizagem ocorrem por meio da organização e do planejamento no fazer pedagógico da prática pedagógica e da ação docente. O pensamento complexo contribui para essas mudanças de construção e reconstrução por meio dos princípios guias. Logo, uma base epistemológica contribuirá com profissionais, capacitando-os a trabalhar metodologias que permitam articular o diálogo entre princípios didáticos e pedagógicos, num construto dinâmico de aquisição de conhecimento, por meio da superação dos reducionismos e da visão dualista.

TRANSDISCIPLINARIDADE

Em 1970, o psicólogo e educador suíço Jean Piaget apresentou o primeiro momento de reflexão desta temática. Isso se deu no encontro Interdisciplinaridade Ensino e Pesquisa nas universidades, na Universidade de Nice, na França. Piaget foi o primeiro a apresentar os conceitos de multidisciplinar, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade como uma nova epistemologia para além desta visão multidisciplinar e interdisciplinar.

O segundo momento que contribuiu na compreensão de transdisciplinaridade ocorreu no Congresso Mundial da Transdisciplinaridade, no Convento de Arrábida, Portugal, 1994. Nesse evento foi escrita A carta da Transdisciplinaridade.

Nessa perspectiva, apresenta-se a interligação dos saberes por meio do ser humano, da natureza e de sua realidade. Os 14 artigos desta carta trazem o conjunto dos princípios fundamentais da transdisciplinaridade. Sommerman (2006) defende que este documento é importante por dois motivos: “1) por ter se tornado emblemático para uma gama de educadores, pesquisadores e atores sociais, 2) porque seus participantes delinearão os princípios teóricos, epistemológicos e de aplicação dessa nova abrangência dada ao conceito de transdisciplinaridade.” Na Carta registra-se a transdisciplinaridade como:

Artigo 2: o reconhecimento da existência de diferentes níveis de realidade, regidos por lógicas diferentes, é inerente à atitude transdisciplinar. Toda tentativa de reduzir a realidade a um só nível, regido por uma lógica única não se situa no campo da transdisciplinaridade. Artigo 4: A pedra angular da transdisciplinaridade reside na unificação semântica e operativa das acepções através e além das disciplinas. Ela pressupõe uma racionalidade aberta a um novo olhar sobre a relatividade das noções de “definições” e de “objetividade”. O formalismo excessivo, a rigidez das definições e a absolutização da objetividade, incluindo-se a exclusão do sujeito, conduzem ao empobrecimento. Artigo 5: A visão transdisciplinar é complementar aberta, pois ela ultrapassa o domínio das ciências exatas pelo seu diálogo e sua reconciliação não somente com as ciências humanas, mas também com a arte, a literatura, a poesia e a experiência interior. Artigo 9: A transdisciplinaridade conduz a uma atitude aberta em relação aos mitos, às religiões e temas afins, em um espírito transdisciplinar (CARTA DA TRANSDISCIPLINARIDADE, 1994).

Neste sentido, a carta apresenta os diferentes conceitos de transdisciplinaridade, indicando um novo olhar sobre o ser humano, ao reconhecer os diferentes níveis de realidade como pedra angular de unificação dos diversos saberes, por meio de uma visão aberta que integre arte, literatura e poesia. Para que isso ocorra é necessária uma atitude e um espírito transdisciplinar com abertura, permitindo a interligação dos conhecimentos.

Para Sommerman (2006), a “transdisciplinaridade não procura o domínio sobre as várias disciplinas, mas a abertura de todas elas àquilo que atravessa e as ultrapassa”. No entanto, a compreensão de ensino que se pautar numa perspectiva transdisciplinar, configura-se como desafio no contexto educacional, embora algumas instituições já venham apropriando-se destes conceitos e com esse novo olhar sobre o ser humano. Assim, essas instituições buscam promover a prática pedagógica e a ação docente num viés de consciência planetária, em que cada indivíduo é responsável e corresponsável na construção de um mundo, cujas discussões e ações ampliam-se para além do contexto sala de aula.

ECOFORMAÇÃO

Para o construto do conceito de ecoformação, é necessário apresentar o *Decálogo sobre Transdisciplinaridade e Ecoformação*, elaborado por pesquisadores, docentes e profissionais participantes do *I Congresso internacional de inovação docente: transdisciplinaridade e ecoformação*, em março de 2007, tendo como objetivo colocar em prática as ideias e atitudes numa visão transdisciplinar.

Este decálogo apresenta os dez principais campos de projeções transdisciplinares e ecoformadoras. Torre, Moraes e Pujol (2008) apontam que: “transdisciplinaridade e ecoformação são dois conceitos que emergem vinculados ao paradigma ecossistêmico, que encarnam e projetam um novo olhar sobre a geração do conhecimento e sobre a prática educativa.”

Destarte, é no fazer pedagógico da prática pedagógica e da ação docente que estes macros conceitos devem emergir nas reflexões cotidianas no espaço escolar, por meio das interações que permitem potencializar valores humanos que integrem o ser humano à natureza e à sociedade. De acordo com Torre et al. (2008), “somos cidadãos planetários. Mas esta nova cidadania não nos é dada; é preciso construí-la entre todos. Essa é nossa missão, e o que nos impulsiona a buscar caminhos para reencantar a educação.” Na formação de cidadãos planetários, a escola exerce um papel importante ao contribuir na construção de novos saberes sob uma nova ótica de ser humano, natureza e sociedade que são partes integrantes para uma formação integral.

A educação, numa perspectiva transdisciplinar e ecoformadora, reconhece e respeita as diferenças. Ela está comprometida com a cidadania, a melhoria social e a criatividade. Para se ter uma formação integral é preciso ressignificar essas vivências entre o ser humano e o mundo. Torre et al. (2008) sustentam que: “a ecoformação é uma maneira de buscar o crescimento interior a partir da interação multissensorial com o meio humano natural, de forma harmônica, integradora [...] partindo do respeito a natureza”. Desta forma, este crescimento intelectual difundido no contexto escolar, partindo desta visão, prima pela harmonia entre o ser, o fazer e o conhecer.

Neste sentido, é imperativo compreender o viés em que se apresenta a ecoformação no contexto escolar numa perspectiva de educação ambiental. Pode-se dizer que a ecoformação ocorra de maneira simplificadora e reducionista, por meio disciplinar, inserida nas grades curriculares. Em virtude dessa desconexão do ser humano com sua realidade física, social, cultural e ambiental, torna-se “insignificante” a retirada dos componentes curriculares. Para Navarra (2013), “a ecoformação não é somente educação ambiental, mas sim uma interação entre educação para o ambiente, o desenvolvimento econômico e o progresso social. Não se trata de conservar a paisagem, mas sim a vida e as melhores condições de vida para todos.”

Partindo deste entendimento, a ecoformação se constitui na interação entre educação e meio ambiente, com intuito de assegurar um desenvolvimento econômico e social que prima pela qualidade de

vida das pessoas. Embora o ser humano esteja imerso num desastre ecológico e econômico, a escola, inserida nesse contexto precisa repensar um processo de ensino-aprendizagem com base na realidade na qual está inserida. De acordo com Navarra (2013), os projetos escolares a partir da ecoformação são concebidos sobre quatro pontos importantes: “aproximar a escola da vida real, propiciar uma visão sistêmica, holística e transdisciplinar, procurar metodologias ativas, abertas a novas descobertas, implicar todos os agentes na resolução dos problemas que derivam da realidade ambiental.”

Para Torre et al. (2008), “a ecoformação como expressão do olhar transdisciplinar nos oferece uma visão dinâmica, interativa, ecossistêmica da educação, contemplando o educando como parte de um todo social e natural.” Entende-se que esse olhar sobre o educando está integrado no processo formativo.

Torre (2007) afirma que “os cenários formativos permitirão o diálogo disciplinar por meio das linguagens mais variadas: verbal, simbólica, musical, visual e plástica, corporal, situacional, virtual.” Imbricados neste cenário escolar, os educandos são estimulados a desenvolver potencialidades humanas nos mais diversos campos do conhecimento de forma indissociável, amparados pela epistemologia da complexidade numa visão ontológica, epistemológica e metodológica.

CRIATIVIDADE: MUDA A EDUCAÇÃO E TRANSFORMA O MUNDO

A criatividade neste cenário de pandemia segue sendo uma urgência perante os desafios de crise mundial de saúde, cujos impactos atingem as organizações sociais, econômicas, educativas e a maneira de viver e conviver das pessoas em um contexto de tantas incertezas. Especialmente no âmbito educacional, professores e alunos tornam-se peregrinos que transitam entre encontros e desencontros, avanços e recuos, em busca de um novo jeito de construir conhecimento.

A escola, neste contexto encontra inúmeros desafios relacionados ao seu fazer pedagógico, para o qual é difícil encontrar saída. Talvez porque esteja aprisionada a modelos burocráticos e reducionistas, baseados numa visão linear que impede a busca por novas alternativas, como a criatividade.

A criatividade, assim, permitiria criar estratégias individuais e coletivas para superar esta crise planetária da saúde, de forma que a prática pedagógica e a ação docente consigam adaptar-se a esse novo jeito de ensinar e aprender imposto pela pandemia. É evidente, com isso, a necessidade da criatividade para haver uma ressignificação das atividades escolares. Torre (2005) esclarece que a criatividade pode ser compreendida como “capacidade e atitude de gerar ideias novas, para ir além do conhecido, para ultrapassar as expectativas didáticas do aprendido.”

Para este autor, a criatividade é uma qualidade humana, um bem social que contribui para o desenvolvimento humano, científico, cultural e social da sociedade. Para ele a criatividade é

o pão do progresso, o alimento da mudança, o potencial gerador do desenvolvimento científico, tecnológico e humano. Criar significa ter ideias, dar continuidade a inovações valiosas, enriquecer

a cultura. É por isso que a criatividade se converteu no tema da moda em uma época em que ter ideias é bem-visto entre políticos, jornalistas, homens de ciência e educadores (Torre, 2005).

Destarte, a criatividade perpassa por todos os âmbitos da vida humana, como alimento, tornando-se vital para entender os impactos globais e locais causados pela pandemia, pois somente o ser humano pode transformar a realidade em que se insere. Torre (2005) define criatividade como característica e qualidade humana capaz de permitir explicitar as mudanças, tanto no aspecto individual como social. Assim, o ser humano necessita mergulhar na tessitura da criatividade para repensar os fazeres pedagógicos, científicos, culturais, políticos, econômicos, para ter qualidade de vida.

Partindo desta concepção, a criatividade assume o papel relevante neste momento de grandes mudanças vivenciadas na sociedade, pois ajuda a continuar avançando sem perder valores humanos, compreendendo que ser criativo parte de uma vontade própria para lidar com as adversidades cotidianas. Como aponta Suanno (2013), “a questão da decisão é fundamental, porque uma pessoa pode decidir ser criativo”. Ainda segundo Suanno (2013), [...] “não nascemos criativos, nascemos, sim, com potencial para aprendizagem que pode ser desenvolvida criativamente para qualquer área de interesse do sujeito, a partir de suas preferências pessoais.”

Ademais, Torre (2005) e Suanno (2013) enfatizam que ser criativo parte de uma decisão, já que não se nasce criativo e sim com potencial para desenvolver a criatividade. E em diferentes enfoques: político, econômico, saúde, cultural e educacional, pautadas numa escolha pessoal. Nesse viés a criatividade contribui na transformação humana e social, de maneira individual e coletiva.

Neste contexto, a criatividade contribui para uma conquista pessoal de autorrealização, que pode ser concretizada a partir da decisão e escolha. Conforme Weschesler (2008), a criatividade é um fenômeno multidimensional, na qual estão presentes os aspectos cognitivos, sociais, culturais. E, por meio da interação, permite novas maneiras de pensar e de criar nos diversos contextos, sociais, culturais e educacionais, sejam em empresas ou instituições educacionais.

De certa maneira, neste cenário é mais urgente a necessidade de um pensar criativo especialmente em âmbito educacional, devendo ser amparado numa ressignificação de saberes das práticas pedagógicas e da ação docente. Assim, Araújo (2009) assevera: “Pensar criativamente é engendrar alternativas, enfrentar desafios, descobrir soluções; é saber usar recursos variados que nos possibilitem além do que imaginávamos possível.”

Reportando ao cenário de pandemia, nota-se o quanto afetou o fazer pedagógico no cotidiano escolar. Exigiu, com urgência, da equipe gestora, professores e família pensar alternativas para continuar o processo de construção do conhecimento, em virtude do distanciamento social, causado pela pandemia causada pela Covid-19. A criatividade foi exigida e teve de ser colocada em voga, em muitos casos.

Assim, o pensamento criativo auxilia a enfrentar o desafio de ensinar a distância, gerado pelo risco de o vírus adentrar o contexto escolar. A partir das estratégias didáticas que contemplem um processo de

ensino-aprendizagem significativos, os agentes educacionais professores, gestores, coordenação pedagógica e pais, pautados nesta engrenagem de um pensar criativo, viram-se incitados a iniciar a ruptura de ensino baseado numa visão linear, reducionistas e fragmentada, que ainda permeia o fazer pedagógico na escola. O momento exige uma religação de saberes que envolve a criatividade como um dos caminhos possíveis para esta transformação.

Assim, pensar a educação sob a ótica da criatividade é trabalhar o ser na sua multidimensionalidade, despertando a sensibilidade humana. Araújo (2009) afirma que: “A educação pela criatividade incentiva o exercício constante da liberdade de escolha e de ação, favorecendo o desenvolvimento [...] sem, contudo, perder a noção do coletivo e da responsabilidade de seus atos.” Ademais, para desenvolver uma prática pedagógica e uma ação docente nesta perspectiva, exige-se que se tenha um planejamento e um embasamento teórico, pois é um exercício diário cujas ações a serem desenvolvidas precisam ter um significado na vida pessoal e profissional. Isso também contribui no rompimento da visão fragmentada de que para ser criativo “é necessário papel e lápis de cor”. Todavia papel e lápis de cor podem ser usados como instrumentos que permitem “libertar” a imaginação.

Wechsler (2008) aponta a necessidade de desenvolver a criatividade em todos os ambientes, e principalmente, na escola lugar, lugar em que o indivíduo fica uma parte significativa do seu tempo. Ao passo que a criatividade possibilita o surgimento de ações estratégicas para resolução de problemas. O processo de transformação da educação passa pela decisão do professor de ser criativo. Nesse sentido, Araújo (2009) expõe que:

O futuro da criatividade está, incontestavelmente, nas mãos dos educadores, pois é deles a maior responsabilidade pela formação de nossos jovens, ela estimulação de seu potencial humano na sua totalidade, e oportunidade de transformação da nossa sociedade em um mundo genuinamente mais criativo.

Os professores assumem um importante papel nesta fase inicial do processo de ensino-aprendizagem recorrendo à criatividade, na formação humana, de maneira global e contextualizada, por meio das interações presentes nas vivências cotidianas no espaço escolar, sendo a sala de aula o cenário ideal para grandes descobertas e aprendizados. Torre (2005) ressalta que “educar é desenvolver a consciência pessoal e social; educar na criatividade é pôr uma meta social no próprio potencial criativo; é ajudar a construir o futuro.”

Desse modo, o professor e o aluno ao entenderem que o ato de educar inicia tomando-se por base uma consciência pessoal sobre a relevância dos conhecimentos necessários para a vivência diária, e que é preciso ir ampliando essa visão de educação perpassada pela criatividade como potencial humano importante, para a construção de uma sociedade no qual os indivíduos podem ter melhor qualidade de vida.

Dessa forma, a educação como processo contínuo de construção de conhecimento necessita ser pautado numa interconexão de saberes capaz de religar o ser humano ao mundo, por meio dos princípios guias hologramático, entre todo e parte. É nessa dialógica que as situações vivenciadas em meio a pandemia podem ser antagônicas e complementares, haja vista que provocaram mudanças individuais e coletivas. Verifica-se aí o princípio recursivo que, ao mesmo tempo, são produtos e produtores: produz-se o vírus, cria-se também alternativas para o combater.

Todavia, na educação à luz desses princípios, a criatividade surge como possibilidade no contexto educacional que permite transformar o fazer pedagógico na escola, por meio da prática pedagógica e da ação docente, impactando assim, um mundo ao despertar para vivências mais saudáveis e prazerosas.

DIFERENTES TRILHAS CONDUZEM O CAMINHO DA CRIATIVIDADE NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Partindo do pressuposto de que é na escola que os alunos se apropriam de diversos saberes sistematizados, considerados relevantes para sua formação, durante este processo a criatividade permite transformações em âmbito educacional, social e cultural por meio da interação. Conforme afirma Torre (2005) “a criatividade é fruto da interação sociocultural e somente será pleno quando engendradas melhorias sociais ou culturais”. Assim, é preciso constantemente reacender no espaço escolar a criatividade. Há necessidade de um fazer pedagógico que interligue todos os processos envolvidos no ato educativo, como o currículo, o PPP, a prática pedagógica e a ação docente.

Assim, este contexto de pandemia causada pela Covid-19 exige a necessidade de usar a criatividade pautada nas mais diversas concepções, corroborando, assim, a seguinte afirmação de Torre (2005): “Hoje precisamos nos apoiar na criatividade se quisermos interpretar de forma aceitável as rápidas mudanças sociais, culturais e políticas.”

Todavia é neste cenário que as escolas estão necessitando com urgência de apoiar-se na criatividade, mais que nunca, a fim de ressignificarem o seu fazer pedagógico. Suanno (2013) afirma que “o papel da criatividade nesse momento é de nos ajudar a ver como seguimos avançando sem perder em valores e em felicidades”. Ademais, para seguir na construção individual e coletiva do conhecimento, tais processos em âmbito escolar devem partir da reformulação do PPP, responsável por trazer o panorama das atividades educacionais planejadas para o ano letivo. Assim, as práticas pedagógicas precisam também ser ressignificadas numa perspectiva de bem social e de ação docente, cujos olhares destinam-se ao aluno como centralidade de todo o processo de aquisição do conhecimento.

Dessa maneira, pensar o fazer pedagógico da escola, na perspectiva da criatividade, parte de uma escolha pessoal dos agentes educacionais gestores, professores, coordenadores. Suanno (2013) afirma que “criatividade implica vontade, emoção e decisão. [...] uma pessoa pode decidir ser criativo”. Partindo desta

compreensão, a ressignificação da prática pedagógica e da ação docente, para serem concebidas nesta perspectiva precisam ter como eixos norteadores a vontade, ou seja, o desejo em transformar o seu fazer pedagógico, a emoção vinculada aos sentimentos de curiosidades e descobertas. Exige-se a decisão para romper com a visão reducionista indo à busca de uma religação de saberes iniciada pelo eu (professor) e ampliada ao outro (aluno), reconstruindo realidades.

Neste sentido, a escola como espaço de aprendizagem, torna-se um ambiente adequado para a criatividade, tendo em vista que o processo de ensino-aprendizagem é permeado pela diversidade de saberes os quais provocam mudanças e transformações pessoais, por meio das interações. Sobre isso Suanno (2013) argumenta:

A criatividade, em um ambiente que propicia uma atmosfera de liberdade, que aceita a diversidade, a autonomia e a discrepância crítica, é fecunda. Neste ambiente, a rotina não se estabelece como prática diária e a cada dia um novo desafio acontece, movimentando o cenário escolar em todos os personagens, alunos, professores, coordenação, direção e funcionários. O planejamento acontece constante e incessantemente, aproveitando o que surge das emergências diárias para o presente e para o futuro.

Destarte, no ambiente educacional essa liberdade para criar apresenta-se como solo fértil para fecundação da criatividade, por meio da diversidade cultural, da autonomia para criar e para recriar, da prática pedagógica e da ação docente, promovendo a cada dia novas descobertas. Isso exige ações imbricadas dentro de um cenário que permite movimentar todos os agentes neste processo contínuo de construção e de reconstrução da realidade, cujas incertezas fazem parte do presente e do futuro das pessoas. Evidencia-se, portanto, a necessidade desta criatividade ser cultivada diariamente no fazer pedagógico da escola.

Baseado nos diversos conceitos de criatividade, focando o especialmente o contexto escolar em que essa é relevante discutir essa temática no decorrer do fazer pedagógico da escola, especialmente direcionadas as práticas pedagógicas, e ação docente numa perspectiva de religação dos saberes em diversos contextos sociais, políticos, culturais e educacionais.

CONSIDERAÇÕES

O estudo sobre criatividade será sempre pertinente no contexto educacional, talvez esse seja o grande desafio de muitos professores, quando desconhecem sua conceitualidade e a necessidade da mesma para estruturação do trabalho docente numa perspectiva criativa de bem social, que deve iniciar na organização do seu planejamento norteado pelas seguintes questões: como fazer?, para que fazer? e qual relevância ou contribuição? da criatividade para formação do aluno, entendendo que a aquisição de novos saberes acontece de diferentes maneiras.

Assim, apresentar as diferentes concepções de criatividade, permite pensar a ação pedagógica sob uma compreensão do ser humano em que permite vê-lo na sua totalidade compreendendo o na sua

multidimensionalidade nos aspectos físicos, biológicos, sociais e socioemocionais. Acredita-se que introduzir essa concepção de criatividade como bem social na escola ainda é um grande desafio a ser enfrentado e superado na sociedade contemporânea, para tal transformação são necessários estudos como estes que fomenta o debate desta temática, defendendo a ideia de sua aplicabilidade no contexto educacional cotidianamente.

A atuação do professor em sala de aula, após a exposição dos diversos conceitos de criatividade, precisa ser ampliada através de estudo individual e coletivo proporcionada pelas formações continuadas, pois esse processo de transformação e ressignificação da atuação do professor também passa pela visão e compreensão da sua concepção de educação.

O fazer pedagógico da escola, as práticas pedagógicas e a ação docente (planejamentos, aulas) precisam ser repensados, buscando ser planejada a luz da criatividade que mais aproxima da concepção de educação da escola. No entanto, este também ainda se constitui como desafio no cenário educacional, especialmente na sala de aula, em que o professor precisa fazer uma religação dos saberes rompendo como modelo cartesiano- linear, o qual pautou toda sua formação sem excluir suas contribuições e mediar o processo ensino e aprendizagem de maneira conectada e significativa, possibilitando ao aluno uma formação que de fato lhe permita criar, recriar e modificar a realidade que está inserido, assegurando a harmonia entre homem e natureza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Araújo T (2009). *Criatividade na educação*. São Paulo: Imprensa Oficial, BRASIL.
- BRASIL (1996). *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei Federal nº 9.394/96. Brasília: Congresso Nacional.
- BRASIL (2018). *Base Nacional Comum Curricular: educação é a base*. Brasília: Ministério da Educação; Conselho Nacional de Secretários de Educação; União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação. Disponível em: http://basenacionalcomun.mec.gov.br/imagens/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 20 ago. 2020.
- Moraes MC, Valente JA (2008). *Como pesquisar em educação a partir da complexidade e da transdisciplinaridade?* São Paulo: Paulus.
- Morin E (1999). *Complexidade e transdisciplinaridade: a reforma da universidade e do ensino fundamental*. Natal: EdufRN.
- Navarro Z (2013). *Agroecologia as coisas em seu devido lugar (a agronomia brasileira vista da terra dos duendes)*. In: IV Coloquio agricultura familiar e desenvolvimento rural. UFRGS, Porto Alegre, 12 a 14 de novembro de 2013. Anais.... Porto Alegre, RS: UFRGS, 10 (1).
- Sommerman A (2006). *Inter ou transdisciplinaridade? Da fragmentação disciplinar a um novo diálogo entre os saberes*. São Paulo: Paulus.

- Suanno JH (2009). Inovação na Educação: uma visão complexa, transdisciplinar e humanista. *In*: IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE e III Encontro Sul asileiro de Psicopedagogia – ESBPP, Curitiba – PR. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/cd2009/pdf/3483_1988.pdf . Acesso em: 20 nov. 2011.
- Suanno JH (2013). Escola Criativa e Práticas Pedagógicas Transdisciplinares e Ecoformadoras. 297 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Católica de Brasília (UCB), Brasília.
- Torre SLA (2002). Estratégias didáticas inovadoras e criativas. Madras: Curso de Formação para Educadores.
- Torre SLA (2005). Dialogando com a criatividade. Editora Madras.
- Torre SLA (2008). Criatividade aplicada: recursos para uma formação criativa. São Paulo: Madras.
- Wechsler SM (2008). Criatividade: descobrindo e encorajando. 3. ed. Campinas: LAMP/Puc-Campinas.

Índice Remissivo

A

aprendizagem, 60, 63, 64, 65, 66

C

comunicação, 44, 45, 46, 47, 49, 51, 52, 54, 55,
56, 58, 59

criatividade, 31

D

desenvolvimento, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66

E

ecoformação, 36

educação, 60, 61, 63, 64, 65, 66

ensinar, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25

escola, 44, 45, 46, 49, 51, 52, 54, 58, 59, 80

G

gênero, 68

M

movimento, 60, 61, 62, 63, 64

P

pedagogia, 44, 45, 46, 50, 51, 52, 58, 59

psicomotricidade, 60, 62, 63, 64, 66

S

sala de aula, 45, 46, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57

T

transdisciplinaridade, 35, 36

Sobre o organizador

 **LUCAS RODRIGUES OLIVEIRA**



Mestre em Educação pela UEMS, Especialista em Literatura Brasileira. Graduado em Letras - Habilitação Português/Inglês pela UEMS. Atuou nos projetos de pesquisa: Imagens indígenas pelo “outro” na música brasileira, Ficção e História em Avante, soldados: para trás, e ENEM, Livro Didático e Legislação Educacional: A Questão da Literatura. Diretor das Escolas Municipais do Campo (2017-2018). Coordenador pedagógico do Projeto Música e Arte (2019). Atualmente é professor de Língua Portuguesa no município de Chapadão do Sul. Contato: lucasrodrigues_oliveira@hotmail.com.



9 786581 460266



Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp)
<https://www.editorapantanal.com.br>
contato@editorapantanal.com.br